

Vários autores. *Imigração e Etnicidade – Vivências e Trajectórias de Mulheres em Portugal*, Edição: SOS Racismo, Lisboa, 2005

Clara Almeida Santos  
Instituto Politécnico de Coimbra

Obedecendo à regra de publicação periódica de obras sobre o macrotema da imigração, a SOS Racismo (Organização Não Governamental) escolheu abordar, em 2005, o ângulo da imigração feminina.

É de aplaudir a oportunidade da obra e da temática, num momento em que se regista uma progressiva «feminização» da imigração, considerando os fluxos das migrações internacionais, e também em Portugal. A estatística demonstra que a tendência de migração maioritariamente masculina começa a inverter-se e já não apenas por obra do chamado reagrupamento familiar (em que a decisão primeira de imigrar é tomada pelo «chefe de família», estatuto normalmente conjugado no masculino) mas também pela decisão autónoma de mulheres que decidem, por toda a sorte de motivos, procurar outras condições de vida longe dos locais onde nasceram ou habitam.

Um dos pontos fortes desta obra que aqui se apresenta é a forma transversal como o tema é abordado. Desde logo na diversidade de autores, já que se trata de uma colectânea de artigos, que junta investigadores e académicos (de vários centros de investigação e universidades) a profissionais que trabalham a imigração e as questões da etnicidade no terreno, tanto como membros de ONG como no âmbito do movimento associativista imigrante em Portugal. A riqueza desta transversalidade é evidente no cruzamento entre a experiência do vivido, patente em inúmeros relatos transcritos de entrevistas com mulheres pertencentes a minorias étnicas, e o enquadramento teórico das questões que enquadram a problemática da imigração feminina. Esta característica é tanto mais importante quanto se regista como em tantos domínios a *praxis* e a produção académica andam de costas voltadas, por vezes num antagonismo quase incompreensível.

A referida transversalidade é também comum às etnias e nacionalidades referenciadas que, de alguma forma, protagonizam esta obra, sendo contempladas as mulheres conforme o seu país de origem (Brasil, Angola, Índia, estados africanos, países do antigo bloco soviético), mas também consoante a religião que professam, ou a comunidade específica a que pertencem. Relativamente aos temas dos artigos propriamente ditos, verifica-se nesta obra uma panóplia de abordagens socioeconómicas, culturais e identitárias, resultando numa interessante radiografia da situação das mulheres imigrantes e pertencentes a minorias étnicas que tenta responder cabalmente à pergunta que abre a introdução da obra: «Quantas mulheres podem habitar uma mulher enquanto esta se desloca no território da imigração?». E essa quantificação, além de ter, alguns momen-

tos, expressão numérica, é sobretudo qualitativa, já que a educação, o lugar do corpo, as manifestações religiosas, as práticas culturais, a maneira com são retratadas e a relação com o país de acolhimento materializam a imagem dessas mulheres.

Apesar do passo em frente que constitui esta obra na consubstanciação da imigração e etnicidade no feminino e em Portugal, o panorama não deixa de ser desolador quando atentamos em algumas das informações publicadas. Sobre tudo no que diz respeito ao desconhecimento existente, mormente por parte do poder local, sobre as mulheres imigrantes e pertencentes a minorias étnicas nos vários concelhos. O retrato que o livro pretende esboçar corre então o risco de pecar por ausência de enquadramento sustentado.

Partindo desta realidade, enunciada em vários momentos da obra, da relativa «invisibilidade» das mulheres migrantes e pertencentes a minorias étnicas, *as vivências e trajectórias de mulheres* imigrantes em Portugal tornam-se evidências nos seus múltiplos aspectos, trazendo à tona o microcosmos do quotidiano mas também uma perspectiva macroscópica que, em conjunto, permitem uma aproximação sólida a estas «minorias das minorias», utilizando a famosa designação de Castles e Davidson.